

ISSN 0101-3335

LETRAS DE HOJE

Nº 99

MARÇO DE 1995

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
Curso de Pós Graduação em Linguística e Letras
Centro de Estudos da Língua Portuguesa



LETRAS DE HOJE

REVISTA TRIMESTRAL

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

E LETRAS - PUCRS

CENTRO DE ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Chanceler

Dom Altamiro Rossato

Reitor

Professor Irmão Norberto Francisco Rauch

Vice-Reitor

Professor Irmão Joaquim Clotet

Pró-Reitor de Administração

Professor Antonio Mario Pascual Bianchi

Pró-Reitor de Graduação

Professor Francisco Alfredo Garcia Jardim

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Professor Monsenhor Urbano Zilles

Pró-Reitor de Extensão Universitária

Professor Gilberto Mucilo de Medeiros

Pró-Reitor de Assuntos Comunitários

Professor João Carlos Gasparin

Diretor da Revista

Prof. Ir. Elvo Clemente

Conselho editorial

para assuntos lingüísticos

Prof. Dr. Augustinho Staub, Prof. Dr. José

Marcelino Poersch, Prof^a Dra. Leonor Scliar

Cabral, Prof^a Dra. Leci Borges Barbisan, Prof^a

Dra. Feryal Yavas e Prof. Dr. Mehmet Yavas.

Para assuntos interdisciplinares:

Prof. Dr. Ignácio Antonio Neis e Prof. Dr. Mons.

Urbano Zilles.

Para assuntos literários:

Prof. Dr. Gilberto Mendonça Teles, Prof^a Dra.

Heda Maciel Caminha, Prof^a Dra. Petrona

Dominguez de Rodrigues Pasquês e Prof^a

Dra. Regina Zilberman.

Pedidos de assinaturas e permutas devem ser encaminhados para EDIPUCRS.

Assinatura anual:

Brasil R\$ 15,00

Exterior US\$20

Número avulso R\$ 4,00

Formas de pagamento:

Cheque ou vale postal em nome da
Revista para EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 - Porto Alegre - RS

Os artigos para publicação devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje
Pós-Graduação em Lingüística e
Letras - PUCRS
A/c Prof. Elvo Clemente
Caixa Postal 1429
90619-900 - Porto Alegre - RS

A Revista aceita permutas
On demande l'échange
We ask exchange

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados

Composição:

SULIANI

Impressão:

EPECÉ

L 649 LETRAS DE HOJE/ Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras, PUCRS, - n.1 (out. 1967) - - Porto Alegre: EDIPUCRS, 1967 - v.; 22cm Trimestral ISSN 0101-3335 1. Lingüística - Periódicos. 2. Literatura - Periódicos. I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras.

CDD 405
805
CDU 8(05)

Índices para Catálogo Sistemático
Lingüística: Periódicos 80(05)
Literatura: Periódicos 82/89 (05)
Periódicos: Lingüística (05)80
Periódicos: Literatura (05) 82/89

Letras de Hoje
estudos e debates de
assuntos de lingüística,
literatura e língua portuguesa

Três artigos sobre a DIVINA PASTORA

SUMÁRIO

Apresentação <i>Ir. Elvo Clemente</i>	5
Porto Alegre, a cidade de <i>A Divina Pastora</i> <i>Néa de Castro</i>	7
O conceito de cor local no romantismo brasileiro e a sua presença no romance <i>A Divina Pastora</i> de Caldre e Fião <i>Claudio Cruz</i>	29
Crônica de costumes e regionalismo em <i>A Divina Pastora</i> <i>Maria Bernadete Salvador Schwalb</i>	49
As relações feminino/masculino em <i>O Guarani</i> <i>Simone Pereira Schmidt</i>	61
<i>Luciola</i> e a literatura brasileira: o pecado original <i>Márcia Helena Saldanha Barbosa</i>	77
A literatura oral no Rio Grande do Sul <i>Eleonor J. Schneider</i>	93
Texto, contexto e pretexto na obra de Nélida Piñón <i>Vera Regina Teixeira</i>	109
Coesão, coerência e técnica narrativa em Oswaldo França Júnior <i>John M. Parker</i>	119
Significação cultural da EDIPUCRS <i>Ir. Elvo Clemente</i>	137

Apresentação

Ir. Elvo Clemente
Diretor

O nº 99 da Revista Letras de Hoje se caracteriza numa miscelânea de aspectos e temas literários. Estão em lugar de destaque três artigos referentes ao romance *A Divina Pastora* que teve a segunda edição pela RBS em 1992 tendo sido a primeira realizada pelo autor Antonio do Vale Caldre e Fião, em 1847... As aventuras do livro em si são tratadas e discutidas nos referidos artigos pelos autores: Néa de Castro, Claudio Cruz e Maria Bernadete Salvador Schwalb.

O tema do Romantismo de Alencar com os estudos sobre as relações feminino/masculino em *O Guarani* se enlaça com Lucíola e a Literatura Brasileira: o pecado original. Eleonor Schneider trata da Literatura oral no Rio Grande do Sul. Vera Regina Teixeira apresenta Texto, contexto e pretexto na obra de Nélida Piñón, John Parker estuda coesão, coerência e técnica narrativa em Oswaldo França Júnior.

Com estes interessantes artigos abrimos a seqüência editorial de 1995 e preparamos o advento do centésimo número da Revista Letras de Hoje nos 28 anos de laboriosa existência.

PORTO ALEGRE, A CIDADE DE A *DIVINA PASTORA*

Nea de Castro

Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...
O Mapa - Mário Quintana

A Divina Pastora possibilita a revanche de Porto Alegre, ao renascer depois de 145 anos. O leitor dos anos 90 que se encontra com o romance de Antônio do Vale Caldre e Fião, publicado pela primeira vez em 1847 – e desde então desaparecido, até ser localizado e reeditado pela RBS em 1992 – acha nele a primeira representação ficcional da Capital do Rio Grande do Sul. Soterrada posteriormente por uma literatura de cunho regionalista, que privilegiaria a Campanha gaúcha como espaço de representação, Porto Alegre tem papel decisivo na história de Edélia, a Divina Pastora.

Desde o início do relato, o narrador estabelece com a cidade uma relação cúmplice:

Bela como a aurora rósea da Primavera encantadora do sul do Brasil, era a paz que reinava entre os membros da mais entrelaçada família, que os vermelhos tetos das suntuosas e claras habitações que compõem a altiva e soberba cidade de Porto Alegre.¹

Os sinais de uma declaração de amor estão todos aqui: a escolha da estação, a Primavera e não o Inverno tão característico da região sulina (mais tarde, o narrador ousará falar que "o *minuano* sibilava e varria as ruas da cidade e fazia voar as telhas de muitos telhados".² Agora, não.); a seleção do momento, a aurora e não a "tenebrosa noite"³ a que se referirá no futuro; e do tipo de casa, certamente minoritário numa localidade que estava, como indícios da narrativa o demonstrarão, marcada pela pobreza de homens livres e escravos.

¹ CALDRE E FIÃO, José Antônio do Vale. *A Divina Pastora*. Porto Alegre: RBS, 1992, p. 23. Todas as citações se referem a essa edição. Foram mantidos os grifos do Autor feitos na edição de 1847.

² Id., p. 193.

³ Id., p. 65.

Perante quem fala o narrador, a que leitor revela tal visão amorosa de Porto Alegre? A indicação geográfica – "sul do Brasil" – mostra sua preocupação com um leitor de fora da então província rio-grandense. A introdução do romance sugere como leitor implícito um leitor *nacional*, que equivalia na época, basicamente, ao habitante do Rio de Janeiro, a Corte. (O conjunto da obra confirmará que o narrador se concentra, de fato, nesse leitor.) A declaração de amor se completa com os adjetivos "altiva e soberba" que poderão ser lidos retrospectivamente como ecos do título de "Leal e Valorosa" dado pelo Imperador D. Pedro II a Porto Alegre, em 1841, por sua resistência aos farrapos. À medida que o narrador for explicitando sua posição contrária à Revolução Farroupilha, se terá o alcance desses qualificativos: não se tratam de excesso amoroso, mas de meios para assinalar ao leitor nacional que o espaço de representação escolhido não é um burgo periférico qualquer, mas uma cidade envolvida pelo poder da voz imperial.

Todo o discurso do narrador, num certo sentido, vai estar balizado pela complexa e contraditória natureza do sentimento amoroso em relação a Porto Alegre: apego, afeição, cuidados, simulações e mentiras. Um amor que não conhece ainda a distância sábia da ironia, como se poderá encontrar em *Cães da província*, editado a partir de 1987, ou seja, 140 anos depois da primeira publicação de *A Divina Pastora*. Na introdução do romance de Luiz Antonio de Assis Brasil, a voz do narrador é a de um cronista que descreve a Porto Alegre do século XIX, a mesma do romance de Caldre e Fião. Uma de suas manifestações irônicas se dá quando, imediatamente após se referir à gente que trabalhava para fazer da Capital da Província um "reluzente marco da presença brasileira nestas meridionais solidões", ele assinala que as "casas e as ruas esparramam-se a deus-dará, [...]"⁴

DIÁLOGOS

Entre a Porto Alegre de Caldre e Fião e a dos escritores atuais se cruzam de forma mais expressiva a Porto Alegre de Erico Verissimo, Reynaldo Mourn, e Dionélio Machado, autores que instituem nos anos 30 a representação da cidade moderna como mostra Cláudio Cruz,⁵ a dos poetas simbolistas, como Felipe de Oliveira e Marcelo Gama; e a do poeta Mario Quintana, em cuja obra convivem marcas do simbolismo e as influências desencadeadas na literatura do País pelo modernismo a partir de 1922. No

⁴ ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Cães da província*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 13.

⁵ CRUZ, Cláudio Celso Alano. *A cidade moderna no romance sul-rio-grandense*: o ano-chave de 1935. Dissertação de mestrado apresentada à PUCRS. Porto Alegre, 1992.

final do século XIX, cronistas como Antônio Alvares Pereira Coruja e Aquiles Porto Alegre, este com produção ainda no início do século XX, tematizaram a Capital e seus hábitos. Antes, houve representações esparsas do espaço porto-alegrense, como as de Apolinário Porto Alegre no seu livro de contos *Paisagens*. Através de todas essas representações, o olhar do leitor contemporâneo chega até a Porto Alegre onde Edélia amou sucessivamente, e sem felicidade, o vilão Francisco e o herói Almênio.

Mas *A Divina Pastora* também entra em diálogo com a própria contemporaneidade de Caldre e Fião e seus antecedentes. Nascido em 1821, um ano antes da Independência do Brasil e da elevação de Porto Alegre de vila a cidade, ele recebeu a influência das correntes do Arcadismo, proveniente do século XVIII, e do Romantismo que já estava em pleno apogeu na Europa do século IX. Foi um Caldre e Fião jovem – completaria 25 anos em 1847 – que se dispôs a enfrentar o gênero romance, ainda muito mal visto na crítica oficial do País. Ao produzir *A Divina Pastora* e poucos anos depois, em 1851, seu segundo romance, *O corsário*, ele se colocou na vanguarda literária nacional, junto com os demais representantes da primeira geração romântica. Para isso, fizera como tantos outros jovens de sua época: trasladara-se da província natal para o Rio de Janeiro, o centro do Império.

Por motivos ainda não bem esclarecidos, ao voltar à província em 1852 já como médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, nunca mais o escritor gaúcho voltaria à ficção. Sua produção junto à Sociedade Partenon Literário – instituição criada em 1868, sob a liderança do jovem Apolinário Porto Alegre, que foi responsável pelo surgimento da Literatura no Estado como fenômeno orgânico – limitou-se à poesia, crônicas, discursos, biografias, e comentários.⁶ O Partenon faria contribuições decisivas para o estabelecimento do regionalismo e, em consequência, para o ostracismo do espaço porto-alegrense. Filho de Porto Alegre, Caldre e Fião também morreria na Capital rio-grandense em 1876. Não viu a República – ela se implantaria apenas em 1889 – que não desejava por ter sido sempre um político do Império. Tampouco assistiu ao fim da escravidão, ocorrido em 1888, ele que fora desde a juventude um abolicionista de idéias moderadas, mas dedicado.

O diálogo de *A Divina Pastora* abarca ainda os viajantes que escreveram suas impressões sobre a Porto Alegre da primeira metade do século XIX: Saint-Hilaire, nos anos de 1820 e 1821, e Arsène Isabelle, em 1834, viajaram pela província; e Nicolau Dreys, que residiu no território rio-grandense por 10 anos, publicou suas observações em 1839.⁷ Os relatos

⁶ ZILBERMAN, Regina et alii. *O Partenon Literário: poesia e prosa – antologia*. Porto Alegre: EST, Instituto Cultural Português, 1980, p. 55.

⁷ CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. Porto Alegre: Globo, 1956, p. 130-131.

dos viajantes, tenham ou não sido conhecidos pelo criador de *A Divina Pastora*, estão integrados ao imaginário da cidade na perspectiva do leitor dos anos 90.

NACIONALISMO LITERÁRIO

O que é o espaço para esse rapaz que se vale de suas recordações, fantasias e formação intelectual para escrever desde o Rio de Janeiro um livro que fale do amor, da virtude cristã e de sua terra? Algumas datas ajudam a situar a questão: quando surgiu *A Divina Pastora*, pouco mais de uma década antes, em 1836, Gonçalves Magalhães lançara *Suspiros poéticos e saudades*, em 1844, era a vez de Joaquim Manuel de Macedo com *A Moreninha*; em 1846, Gonçalves Dias com *Primeiros cantos*. José de Alencar só aparecerá em 1856, com *Cinco Minutos* e, no ano seguinte – uma década depois do primeiro romance de Caldre e Fião – com *O Guarani*. Ao referir-se ao conjunto dos primeiros românticos, entre os quais não cita Caldre e Fião, Antonio Candido diz que no espírito deles estava arraigada "a noção que *fundavam* a literatura brasileira".⁸

Redescoberto, o romance *A Divina Pastora* cabe perfeitamente no conceito de Antonio Candido: seu Autor *fundava* a literatura brasileira, sob a égide do nacionalismo literário da época. Conforme Maria Eunice Moreira, para os românticos de então

relacionar a literatura ao desenvolvimento do povo, ao espírito da representação da Nação, é a fórmula não só para declarar a autonomia literária mas, principalmente, assegurar a identidade e a independência de seu estado.⁹

O espaço, entendido especialmente como natureza, irá crescentemente assumindo o papel de integrar dois interesses dos literatos: nacionalismo e originalidade. Flora Sussekind se refere à "imaginação geográfica"¹⁰ dos românticos, como meio de

figurar, ao menos enquanto território, enquanto "império", uma comunidade compacta, singular, nacional, no país, em meio a mais diversos conflitos provinciais.¹¹

Nesse contexto fica mais fácil imaginar o jovem rio-grandense se dispondo a integrar literariamente sua província, que saía de uma guerra

⁸ CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: dois momentos decisivos*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975, vol. 2, p. 14.

⁹ MOREIRA, Maria Eunice. *Nacionalismo literário e crítica romântica*. Porto Alegre: IEL, 1991.

¹⁰ SUSSEKIND, Flora. Brito Brota e o tema da volta à casa no romantismo. In: ————. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993, p. 106.

¹¹ Id. *ibid.* p. 106.

de 10 anos contra o Império, à nacionalidade. Na empreitada, valeu-se do *folhetim*, modelo de romance chegado da Europa, que já estava formando um público para o gênero no Brasil. No estudo introdutório à nova edição de *A Divina Pastora*, Flávio Loureiro Chaves¹² lembra a tradição do folhetim de fundir aventuras, pedagogia, ensinamento moral e discurso político. Um modelo, portanto, muito adequado para conter um narrador que, em torno do trio Edélia-Almênio-Francisco, busca sempre enfatizar a unidade nacional e o valor moral do cristianismo. O leitor contemporâneo precisa enfrentar a barreira da exemplaridade do narrador – prejudicial à ficcionalidade da obra, ainda que em sintonia com o tempo de Caldre e Fião – para se deleitar com a visão de Porto Alegre contida em *A Divina Pastora*.

PRIMEIRO PARADOXO

Disposto a situar seu romance no conflagrado território riograndense, Caldre e Fião optou pela Capital possivelmente por duas razões: uma, de ordem prática, por ser sua terra natal e, portanto, uma região que conhecia melhor dentro da província; outra, de caráter ideológico, já que ela não se integrara ao movimento separatista dos farrapos. Entretanto, é imprescindível refletir sobre uma terceira razão, esta relacionada à economia interna do texto: a representação da Porto Alegre dos meados do século XIX em *A Divina Pastora* mostra-a como um município dividido entre a "cidade" e a "roça". Era um burgo onde os campos, futuros bairros residenciais, ainda dominavam. A paisagem tão rural do município de Porto Alegre pode tê-lo convencido como espaço romanesco devido a seus contraditórios interesses: o que nele sobrevivia de arcade, aquela ânsia de naturalismo tão marcante nessa corrente do bucolismo, que no Brasil deu forma embrionária ao nativismo; e o projeto romântico, nascente, de captar a riqueza original da natureza brasileira – expressa tanto pelo espaço físico, como pelos hábitos peculiares de seus habitantes – no sentido de constituir a literatura e a nação.

Esse o primeiro paradoxo de *A Divina Pastora*: a fusão de um movimento estético que se extinguiu, o arcadismo, e outro que começava, o romantismo. O primeiro ainda se subordinava, apesar de seu pacto singular com o naturalismo, à estética clássica, o segundo, a esta se sublevava, com o propósito de expressar o *eu*, o indivíduo, e um novo sentido da história, livre das imposições racionalistas do geral e do absoluto. O paradoxo se torna assimilável quando não se perde de vista que as duas tendências tinham em comum o fato de serem formas de questionamento à civilização urbana, em diferentes momentos históricos. Com relação ao arcadismo,

¹² CHAVES, Flávio Loureiro. Um texto resgatado. In: CALDRE FIÃO, José Antonio do Vale. *Op. cit.*, p. 11.

que se desenvolveu na Europa desde a primeira metade do século XVIII, Antonio Candido explica:

A poesia pastoral, como tema, talvez esteja vinculada ao desenvolvimento da cultura urbana, que, opondo as linhas artificiais da cidade à paisagem natural, transforma o campo num bem perdido que encarna facilmente os sentimentos de frustração. [...] A sua evocação equilibra idealmente a angústia do viver, associada à vida presente, dando acesso aos mitos retrospectivos da idade de ouro. Em pleno prestígio da existência cidadina os homens sonham com ele à maneira de uma felicidade passada, forçando a convenção da naturalidade como forma ideal de relação humana.¹³

Mas o mundo burguês continuou sua afirmação, o que redundou no irreversível domínio da cidade sobre o campo. A Revolução Industrial inglesa, que eclodiu nos começos do século XVIII, deu as bases para o desenvolvimento capitalista. A expansão da civilização urbana envolveu o indivíduo numa rede complexa e contraditória de exigências: ao mesmo tempo que lhe oferecia possibilidades de realização econômica e social nunca antes existentes na história, impunha através do processo de produção e da rígida meta de acumulação de capital um esquema crescente de despersonalização que, nos meados do século XIX, Karl Marx caracterizaria como *alienação*. Para Antonio Candido, as raízes do "mal do século" – o poderoso sentimento de inadaptação da vida a seus fins expresso pelos artistas românticos tinha raízes:

na vitória da cultura urbana contemporânea, sobre o passado em grande parte rural do Ocidente. A mudança mais ou menos brusca no ritmo da vida econômica e social, com o advento da mecanização, tornou-se obsoleto um sem-número de valores centenários, alterando-se de repente a posição do homem em face da natureza.¹⁴

No mesmo sentido, ao sintetizar o que ele chama de "estrutura romântica de sensibilidade",¹⁵ o crítico inglês Raymond Williams registra:

a afirmação da natureza em oposição à indústria e da poesia em oposição ao comércio; o isolamento da humanidade e da comunidade na idéia da cultura, em oposição à pressões sociais concretas da época.¹⁶

¹³ CANDIDO, Antonio. Op. cit. vol. 1, p. 62-63.

¹⁴ Id. *Ibid.* p. 29-30.

¹⁵ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 113.

¹⁶ Id. *Ibid.* p. 113.

SEGUNDO PARADOXO

Ao olhar a Porto Alegre dos meados do século XIX, onde ainda se podia imaginar a visão de uma graciosa pastora – tão distante estava a Capital rio-grandense de Paris e Londres, as metrópoles por excelência do mundo burguês europeu – Caldre e Fião acabou por armar um segundo paradoxo para o leitor atual. Na obra se acham prenúncios de duas etapas do romantismo nacional: o indianismo e o regionalismo. A primeira, que se desenvolveu desde a terceira década do século XIX, pode ser entendida conforme Regina Zilberman:

como o desejo de formulação de uma mitologia local, que fornecesse à recente nacionalidade uma imagem épica de si mesma, vinculada a um passado não contaminado pela influência européia.¹⁷

O indianismo, porém, pressupunha uma imagem da sociedade brasileira elaborada desde a Corte, com ênfase na unidade nacional. As rebeliões nacionais, entre as quais a Revolução Farroupilha, questionavam essa centralização política e econômica. A guerra com o Paraguai significou uma trégua provisória entre as províncias e a Corte. Mas cumprida a tarefa de esmagar a resistência dos paraguaios ao domínio econômico inglês, a questão separatista se renovou no Brasil nos anos 70, com a conseqüente afirmação do regionalismo. Esta tendência reforçou a posição existente desde o começo do romantismo no sentido de documentar o espaço brasileiro. Mas ela possuía uma diferença em relação ao veio literário que se afirmaria desde o início do século XX, e que receberia a designação específica de "regionalismo": o olhar romântico sobre as regiões ainda dava existência às personagens, conforme Antonio Candido, "independentemente das peculiaridades regionais".¹⁸

O exame do espaço em *A Divina Pastora* demonstra que Caldre e Fião renunciou em duas décadas o regionalismo romântico na província e no País. Esse movimento no Rio Grande do Sul, que solidificaria a imagem do *monarca das coxilhas*, preparou as bases para o regionalismo de Simões Lopes Neto e outros. De forma mais embrionária que a ficção de Apolinário Porto Alegre, os elementos localistas do romance de Caldre e Fião apontam para o que Maria Eunice Moreira entende ser o:

sentido de natureza ideológica pelo qual o regionalismo iria se pautar: a oposição campo/cidade, gaúcho/estrangeiro, entendido este como o elemento estranho ao ambiente campanhense.¹⁹

¹⁷ ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

¹⁸ CANDIDO, Antonio. Op. cit. v. 2, p. 212.

¹⁹ MOREIRA, Maria Eunice. *Apolinário Porto Alegre*. Porto Alegre: IEL, 1989.

Num certo sentido, os dois paradoxos se tratam tão-somente de equívocos de um romancista de primeira hora. Mas noutra sentido – o mais importante – podem ser vistos como marcas de um tempo contraditório: "fidelidade dilacerada",²⁰ de acordo com Antonio Candido, é uma das características básicas dos românticos brasileiros.

EDÉLIA

A Porto Alegre construída por *A Divina Pastora* pode ser recorrida não só pela voz do narrador: Edélia e seus dois amores infelizes, Almênio e Francisco, possibilitam caminhos diferentes pela cidade. Estruturada em oito capítulos, ou partes como indica o Autor, a história inicia com a unidade entre Edélia e o núcleo urbano de Porto Alegre, a que o narrador designará de "cidade". Já se viu a introdução desse capítulo intitulado "O repouso da família": "Bela como a aurora [...]". No texto introdutório a família da heroína é definida pela mesma visão amorosa do narrador em relação à Capital, de acordo com uma das funções do espaço romanesco de caracterizar personagens. Cidade e casa, ou cidade e família, realizam uma fusão através da qual Edélia é apresentada inicialmente ao leitor. Compõem seu grupo familiar os pais, Paulo e Margarida, os irmãos Aníbal e Acácio, e, conforme o narrador, os escravos, entre os quais se salienta Susana.

Uma nova fusão cidade/família ocorre com uma descrição da cidade de manhã. É de novo um espaço claro:

Os raios dourados do astro do dia principiavam a projetar-se sobre as cabeças das montanhas que encadeadas ostentam soberbas de terem entre si edificada a mais bela cidade do Sul do império diamantino, cujos pés vêm lavar o rio Guaíba trazendo-lhes as incalculáveis riquezas que fornecem as floridas margens do longo e caudaloso Jacuí, do sinuoso Gravataí, do saudoso rio dos Sinos, e do sempre recordado Cai.²¹

Na descrição panorâmica as colinas de Porto Alegre se transformam em "montanhas", mentira amorosa capaz de ressaltar seu caráter de burgo imperial, aqui por primeira vez verbalizada pelo narrador uma valorização positiva do poder central: "império diamantino". A descrição é completada pelo primeiro contraste "cidade"/zonas campestres do município de Porto Alegre:

O bulfício da cidade chamava a atenção do habitante do Caminho de Belas que ao levantar-se sentia os zéfiros embalsamados pelos florescentes alecrins, dourados e verdes manjeriões, e mil flores cujo

²⁰ CANDIDO, Antonio. Op. cit. v. 2, p. 117.

²¹ CALDRE E FIÃO, José Antonio do Vale. Op. cit. p. 24.

matiz agrada à vista e chama o pensamento do filósofo à contemplação de Deus. O habitante do Caminho Novo também é desesperado e como o do Caminho de Belas vê o manto da noite fugir apressado ante os primeiros anúncios do dia, e o prateado espelho das águas do Guaíba refletir bulfioso o ouro e a púrpura de que se reveste o rei da natureza.²²

Nesse trecho o "Bulfício da cidade" tem como contraponto as áreas das atuais Praia de Belas ("Caminho de Belas") e Rua Voluntários da Pátria ("Caminho Novo") que à época eram ocupadas por chácaras. Um contraponto harmonioso – não é verdade que o "bulfício da cidade" ressoa no Guaíba "bulfioso"? – que leva a uma verdadeira interpenetração das duas partes de Porto Alegre sob o signo de uma natureza amável. Essa harmonia natural envolve a família de Edélia, agora vista no espaço público da "Praça do Paraíso",²³ atual Praça 15 de Novembro, também chamada pelo narrador de "Praça do Mercado".²⁴ Aí o grupo adquire os alimentos diários (frutas, legumes e carnes), numa cena familiar para o leitor contemporâneo que conhece o Mercado porto-alegrense.

A seguir a família será vista de novo no espaço privado, dedicada às tarefas caseiras e ritos virtuosos: mãe e filha preparam o almoço, que ocorre às duas horas da tarde; durante a refeição "um salmo sagrado da Bíblia e um conto de moral verdadeira são recitados por Paulo";²⁵ depois todos oram. Voltam então ao "consolador trabalho".²⁶ A visão da cidade só retornará através do cenário de fim de tarde:

e, quando ao crepúsculo mágico, depois que o sol deitava-se nas campinas deleitosas ao ocidente da cidade além da baía do Guaíba, se sucediam as ligeiras e úmidas sombras da noite, [...].²⁷

Pelo "crepúsculo mágico" se presente a valorização do final da tarde porto-alegrense que será, no início do século XX, uma das marcas do simbolismo gaúcho, conforme Zilberman.²⁸ Na voz do narrador, a noite ainda não se tornou ameaçadora, o que se confirma com o relato sobre a reunião familiar em torno da música e da virtude. Para o lar de Edélia, a noite:

vinha trazer a recompensa dos trabalhos do dia: os indigentes afluíam para receber e agradecer benefícios.²⁹

²² Id. Ibid. p. 24.

²³ Id. Ibid. p. 24.

²⁴ Id. Ibid. p. 24.

²⁵ Id. Ibid. p. 25.

²⁶ Id. Ibid. p. 25.

²⁷ Id. Ibid. p. 26.

²⁸ Id. Ibid. p. 26.

²⁹ Id. Ibid. p. 25.

Nesse trecho aparece por primeira vez a referência explícita aos pobres de Porto Alegre, ainda que a informação seja feita pelo narrador como meio de frisar o caráter virtuoso da família a que pertence a heroína. Essa forma oblíqua de menção aos pobres pode ser tomada como parte da estratégia amorosa do narrador de dissimular o que possa lançar dúvidas ao leitor, sobre a grandeza de Porto Alegre.

Antes do passo citado sobre o fim da tarde, ele fizera uma longa preleção a respeito da positiva educação dos filhos encaminhada por Paulo com base na "idéia sublime de Deus".³⁰ Nessa digressão, fala sobre "a população miserável que entulha as fétidas e imundas cidades".³¹ É outro momento de dissimulação porque, embora não inclua claramente Porto Alegre nessa avaliação negativa do mundo urbano, tampouco a exclui. A voz do narrador alude, pois, a uma *outra* Porto Alegre dos meados do século XIX, que surge de modo direto na descrição da rua por Sandra Jatahy Pesavento: "Anárquica, tortuosa, suja e escura".³² À época, a Capital tinha por característica o esgoto à mostra, além de outras fontes de sujeira e mau cheiro como a permissão para o trânsito de bois e cavalos em pleno centro.

À altura do sexto capítulo o narrador lembrará: "Eu vos descrevi na parte primeira desta obra o repouso e as virtudes desta família, quando ela aqui morava".³³ Ele vai tornar explícito o que o leitor vinha percebendo desde o segundo capítulo: a ação se trasladara da "cidade" para regiões campestres de Porto Alegre, ou mesmo de fora da Capital. É importante assinalar, pois, que a história começa por um todo orgânico formado pelo núcleo urbano de Porto Alegre, o poder imperial e a família de Edélia, sob a égide de uma natureza apta a diluir a fetidez e a sujeira urbanas.

Esse todo vai além do mero espaço físico, para se tornar uma "ambientação" definida por Osman Lins como "o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente (grifo do Autor)".³⁴ Na sua leitura desse conceito de Lins, Dimas aponta: o espaço "contém dados de realidade que, numa instância posterior, podem alcançar uma dimensão simbólica".³⁵ O sentido do equilíbrio, legado clássico que ainda marcou o naturalismo árcade, permeia a ambientação do capítulo inicial, como nicho pertinente para uma família respeitosa dos "deveres naturais",³⁶ tanto na amizade entre seus integrantes, como na vestimenta simples, sem luxo; na alimentação sadia;

³⁰ Id. *Ibid.* p. 25.

³¹ Id. *Ibid.* p. 25.

³² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O espetáculo da rua*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS; Prefeitura Municipal, 1992.

³³ CALDRE E FIAO, José Antonio do Vale. Op. cit. p. 174.

³⁴ LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, p. 20.

³⁵ DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. São Paulo: Ática, 1976, p. 77.

³⁶ CALDRE E FIAO, José Antonio do Vale. Op. cit. p. 23.

nos ritos virtuosos. Edélia e seus familiares vivem uma vida frugal, de acordo com as "rendas de Paulo".³⁷ Embora só no final do quarto capítulo o narrador venha a revelar ser Edélia a Divina Pastora do título do romance, desde o começo se tem indícios bucólicos. No momento inaugural da narrativa, a cidade de Edélia se apresenta como parte do primeiro paradoxo: ela é a ambientação de tom arcádico, da mulher que se mostrará como heroína romântica, distante das pastoras e ninfas.

ALMÊNIO

O primeiro capítulo dá a conhecer a vida do justo que o narrador compara ao "ligeiro batel nas mansas águas do prateado Taquari".³⁸ Essa imagem é oposta à vida do mau que é "igual a armado iate na Lagoa dos Patos, lutando com o furor das ondas encapeladas pelos furiosos ventos".³⁹ A partir do segundo capítulo aparecerá a maldade sob a forma da Revolução Farrroupilha que o narrador chama de "explosão espantosa",⁴⁰ na qual está envolvido Almênio. É um "jovem de 23 anos, no ardor das paixões violentas".⁴¹ Tem, pois, a característica essencial do herói romântico. Através dele o leitor é levado até o conflito político da Província; o espaço além de Porto Alegre, e as primeiras marcas regionais do texto de Caldre e Fião.

À diferença da mulher, Edélia, ele surge sozinho, sem a proteção da família, da qual se separou para assumir suas idéias revolucionárias. Está num espaço estranho ao lar, em São Leopoldo, na "taverna de Raus",⁴² dançando com Rosinha. A seguir, o tenente Almênio vai pela "estrada real da Sapucaia",⁴³ a cavalo. "Almênio era rio-grandense e o cavalo é o melhor presente que a natureza fez ao rio-grandense",⁴⁴ diz o narrador. Ao chegar a um moinho de água, dormirá ao relento para ser, pela manhã, descoberto por Clarinda que:

contemplou o rosto do jovem; essa expressão, unida ao traje monarca, que lhe era tão favorito, excitou em sua alma cândida, como a de uma pombinha, sentimentos desconhecidos;⁴⁵

³⁷ Id. *Ibid.* p. 36.

³⁸ Id. *Ibid.* p. 26.

³⁹ Id. *Ibid.* p. 26.

⁴⁰ Id. *Ibid.* p. 27.

⁴¹ Id. *Ibid.* p. 27.

⁴² Id. *Ibid.* p. 28.

⁴³ Id. *Ibid.* p. 29.

⁴⁴ Id. *Ibid.* p. 29.

⁴⁵ Id. *Ibid.* p. 31.

Almênio personifica os valores positivos do rio-grandense da Campanha, embora esteja envolvido num conflito negativo do ponto de vista de seus pais e, como se saberá posteriormente, da própria Edélia. Tal contradição gera a crise desse herói romântico, que não cumpre as pautas de seu meio urbano e abastado. Ao se encontrar com Clarinda, ele tem acesso ao mundo europeu, pois a moça é prussiana, de origem nobre e pertencente a uma família de exilados por motivos políticos. O encontro entre Almênio e Clarinda possibilita o diálogo do localismo rio-grandense com as influências européias que chegam à Província através da colônia alemã situada em São Leopoldo. Diálogo que se dá sob o signo da integração, visto que Clarinda se casará com Almênio, e não Edélia.

A aproximação dos dois jovens possibilita ao narrador falar sobre as diferenças entre as duas realidades, como também – pela via da metalinguagem – sobre a importância do espaço romanesco: de um lado, como esse elemento da estratégia narrativa pode ser encontrado no romantismo europeu, de outro, enquanto espaço local. Após Hendrichs, pai de Clarinda, convidar Almênio para visitá-los, eles:

chegaram à casa depois de ter subido um grande morro. Era uma pequena habitação no íngreme declive; não a cercavam dilatados pomares, deliciosos jardins povoados de estátuas de mármore e vasos de alabastro, nem extensíssimas florestas onde mil variadas caças habitavam. Mas vejamos o que ela era antes de sabermos o que não era... Pequena habitação, disse eu, e junto a si tinha uma frondosa laranjeira que dava sombra e dava frutos; e ainda mais, uma pequena horta, onde couves, alfaces e ervilhas recebiam a pequena cultura de seus habitantes.⁴⁶

Depois da visita, Almênio continua a viagem, sempre comovido pela crise que o leva crescentemente a questionar sua adesão à Revolução Farroupilha. Num cemitério de republicanos, à "distância de légua e meia da freguesia do Viamão, dessa antiga residência dos governadores do *Continente*",⁴⁷ o herói toma a decisão de abandonar a rebelião e dedicar-se à pacificação da Província. A essa altura se dará o encontro dele com Colomim, "que trajava à *gaúcha*",⁴⁸ soldado que recebera a tarefa de assassinar por ter abandonado o combate, em meio a sua crise. Em lugar de matá-lo, Colomim o assume como seu amo. O espaço escolhido – proximidades da histórica Viamão – contribui para dar às cenas um caráter marcantemente emblemático: o *monarca* Almênio, jovem urbano, branco e de família abastada toma a si o destino da Província e recebe a adesão do caboclo *gaúcho*. Aqui o leitor dos anos 90 tem o prenúncio de uma ideologia que

possibilitará a idealização do *gaúcho* – surgido historicamente como o marginal dos pampas – através do *monarquismo* da geração do Partenon.

Almênio e Colomim ainda chegam até a igreja de Viamão, cuja descrição é acompanhada por uma citação do grande romântico Chateaubriand. Nas proximidades do lugarejo, se envolvem num combate entre legalistas e farroupilhas no qual Almênio, irrefletidamente, toma o partido dos últimos. Durante o embate é salvo da morte pelo pai, Bernardo. Depois de todas essas etapas, que o levaram pela história contemporânea de sua Província e por suas singularidades (hábitos, vocabulário, flora, fauna), só então Almênio retornará a Porto Alegre. Ele a reencontra através de seu espaço campestre, onde uma natureza mais convencional da primeira parte, dá lugar a uma natureza expressamente localista:

Aproximava-se o fim da tarde com todas as galas brilhantes que lhe concedera a natureza, tão risonha, tão meiga e transbordando a ternura de seu aromático seio. Eles chegavam nesta hora à vista de Porto Alegre, que em meus transportes poéticos eu apelidei de *Princesa das Coxilhas*, dessa cidade de fadas, ninho mimoso do heroísmo, galardoadada pelo Imperador D. Pedro II com o título de *leal e valorosa*. As flores exalavam tênues emanações que embriagavam os sentidos, a luz já fraca se espalhava em muitas ondulações e os ventos brincavam com as ramadas das *timbaúvas*, dos *cedros* e *grapiapunhas* e faziam oscilar os preguiçosos leques dos *butiazeiros*; o campo matizado de rubras, pálidas e brancas florinhas de *azedinhas* cedia à pressão dos pés dos ginetes ligeiros quais saltadores veados...⁴⁹

À vista de sua cidade, Almênio, entoa uma canção com versos amorosos sobre Porto Alegre. O narrador faz eco ao amor de Almênio pela Capital, também com ênfase no seu lado campestre:

E que há que, à vista dessa cidade, gozando o ar que aí se respira e o mágico trinar do sabiá e do canário, e o burburinho das águas cristalinas da *Azenha*, e o respirar de mil florinhas tão variadas em agradáveis e inimitáveis matizes, e tantos outros encantos, não sintam milhares de suaves modificações, impossíveis de classificar-se em determinada ordem na escala psicológica?⁵⁰

O narrador relembra que, ao deixar a Província, fora com um amigo até o "Passo da Cascata",⁵¹ atual avenida Oscar Pereira, e voltaram a escutar "uma voz encantadora",⁵² cantando os mesmos versos que eles tinham ouvido tempos atrás no "Passo da Areia" (avenida Assis Brasil).⁵³ Desta

⁴⁶ Id. *Ibid.* p. 34.

⁴⁷ Id. *Ibid.* p. 36.

⁴⁸ Id. *Ibid.* p. 38.

⁴⁹ Id. *Ibid.* p. 51-52.

⁵⁰ Id. *Ibid.* p. 53.

⁵¹ Id. *Ibid.* p. 53.

⁵² Id. *Ibid.* p. 55.

⁵³ Id. *Ibid.* p. 54.

vez, ele e o amigo haviam acabado de banhar-se na Cascata, o que o levava à meditação sobre o mestre romântico já citado:

Foi ao som de Niágara, aumentado pelo rosnar surdo das florestas virgens da América, que Chateaubriand cantou as paixões da alma em estilo grandiloquo, imensamente admirado na velha Europa.⁵⁴

O modelo romântico é explicitado na iminência do encontro de Almênio com a "jovem camponesa",⁵⁵ que se tratava de Divina Pastora. Antes de chegar à sua residência no distrito de Belém, em companhia do pai e de Colomim, Almênio a veria. Através do herói, longe fica a Porto Alegre equilibrada pelo racionalismo de tom arcádico: no seu cenário rural agora se está mais próximo às explosões da alma e da política provincial. Ressoa com mais força a objeção do próprio Almênio à postura prudente do pai: "Mas o homem tem liberdade".⁵⁶

FRANCISCO

Almênio convive com a maldade, mas não se deixa contaminar por ela, no que se diferencia radicalmente de Francisco d'Albuquerque Soares, "jovem sem recomendação moral alguma na sociedade".⁵⁷ A primeira aparição de Francisco se dá através das fantasias de Edélia, que está apaixonada por ele. Os devaneios da heroína são precedidos de um dia de primavera chuvoso:

que representava fielmente a imagem viva de um inverno horrroso nos climas frios, aos 32° de latitude no hemisfério austral.⁵⁸

A família vive agora numa "espaçosa habitação no distrito de Belém",⁵⁹ zona bem rural da Porto Alegre da época, que ainda mantém na atualidade traços de arrabalde campestre. A descrição da natureza, em que pese a utilização de termos científicos por Caldre Fião, jovem profundamente interessado na Ciência como provam seus estudos de homeopatia e Medicina, tem o sabor do localismo:

Dentre as rasteiras plantas a *trepoeraba*, sem temer o furacão que despedaça os ramos da altiva laranjeira, vicejava tranqüila e lida, enterrando seu colmo fistuloso na terra mole, e matizava os campos do montanhoso Viamão com suas flores cor do céu; e a *azedinha* recolhia seu campanular verticilo corolar os vapores aquosos

⁵⁴ Id. *Ibid.* p. 55.

⁵⁵ Id. *Ibid.* p. 55.

⁵⁶ Id. *Ibid.* p. 49.

⁵⁷ Id. *Ibid.* p. 61.

⁵⁸ Id. *Ibid.* p. 57.

⁵⁹ Id. *Ibid.* p. 57.

que se tinham levantado da terra e então caíam condensados em miúdo granizo. O gado mugente e balante se tinha recolhido aos capões grupados nas colinas e cimios dos morros; com seus *chifres* abaixados para a terra ele esperava ressurgir das pompas do dia de primavera e lançava de suas largas ventas densas fumarolas de vapores; [...].⁶⁰

O dia de tormenta envolve o drama que começa a se configurar: Almênio, na realidade primo de Edélia, chega em visita a seus parentes, mas recebe da prima um tratamento frio, em consequência da adesão dele aos farrapos. As explicações de Almênio sobre sua mudança de posição não encontram nenhum eco em Edélia, porque ela está completamente entregue aos seus sonhos. Francisco aparecerá em cena em seguida, mas caído, por efeito de um atentado a bala que se saberá mais tarde ter sido cometido contra ele por desonrar mulheres. Uma de suas perfídias é logo relatada: levava ao desespero e à morte Manuela e sua família, gente bem estabelecida na "Rua da Praia".⁶¹ Socorrido pela família de Edélia, traz para o lar da heroína a marca do crime de sedução amorosa: ela corre o perigo de se tornar sua nova vítima.

Apesar da prevenção contra o desconhecido, Almênio lhe garante o socorro de cirurgião. Para buscá-lo, não "temera o horror de uma tenebrosa noite".⁶² Esse passo, além de apontar para o drama amoroso que se desenvolve, desvela também a *outra* Porto Alegre subjacente ao texto. À época, a iluminação pública no próprio núcleo urbano era precária, com base em lampiões de óleo de peixe. A situação se complicaria, portanto, nas áreas rurais do município. Além disso, como explica Núncia Santoro de Constantino, por "muito tempo a noite continuou ignorada, também por ser proibida"⁶³ uma vez que desde 1831 estava instituído o toque de recolher, "anunciado pelo sino da Câmara às dez horas no verão e às nove durante o inverno".⁶⁴ A pouca sociabilidade noturna de Porto Alegre ficou registrada também nos escritos dos viajantes.

O atendimento a Francisco ainda permite ao narrador explicitar a disputa na Capital rio-grandense, naquele período histórico, entre médicos acadêmicos e a "casta de seres bestiais".⁶⁵ Assim se refere aos charlatães que, a exemplo do cirurgião trazido por Almênio, receitavam *bichas e tópicos*,⁶⁶ respectivamente sanguessugas e medicamentos externos. A crítica

⁶⁰ Id. *Ibid.* p. 56.

⁶¹ Id. *Ibid.* p. 62.

⁶² Id. *Ibid.* p. 65.

⁶³ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Porto Alegre, 1830, 22 horas: ninguém na rua. *Zero Hora*, Porto Alegre, 31 de julho de 1993, Segundo Caderno, p. 5.

⁶⁴ Id. *Ibid.* p. 5.

⁶⁵ CALDRE E FIÃO, José Antonio do Vale. Op. Cit., p. 66.

⁶⁶ Id. *Ibid.* p. 66.

mordaz fornece, secundariamente, um outro ângulo do contraste núcleo urbano/zonas rurais do município porto-alegrense:

Como já disse, o doente nada sofria e o improvisado discípulo dos remendões de Hipócrates o havia metido na lista dos moribundos. Eu, nesse caso, teria mandado a galope buscar na cidade de Porto Alegre um medicamento, temendo achá-lo bom quando voltasse o portador.⁶⁷

Almênio salva seu rival no amor por Edélia, "essa ninfa que ele pela primeira vez encontrara em uma casinha baixa e pobre, junto ao 'Passo da Cascata' dedicada a consolar os 'miseros indigentes'".⁶⁸ Está então configurada a disputa entre os dois jovens pela heroína, que tomará em seguida a forma de um duelo de espada no "Passo das Cavalhadas" (bairro da zona sul de Porto Alegre, cruzado pela avenida Cavalhada)⁶⁹ quando, ao atender um chamado de Hendrichs, Almênio se dirige a São Leopoldo, numa viagem que tinha "perto de oito léguas".⁷⁰ Durante a luta, em que Almênio fere Francisco, este diz ter prometido a Edélia matar ou morrer naquele combate. Através de uma insídia, Almênio recebe a confirmação de suas suspeitas sobre o envolvimento entre a prima e Francisco.

O duelo se dá entre dois momentos significativos: antes, Almênio se encontrara com a mãe, Mariana. Já se sabia serem ela e Margarida, mãe de Edélia, filhas de "um dos primeiros colonizadores do Continente".⁷¹ O narrador assinala agora uma oposição perante o leitor nacional:

Vive-se com frugalidade, com costumes simples, com hábitos regulares lá nos campos, longe do hábito pestífero das Cortes que condenam a virtude ao exílio e afagam em seus seios a danada inveja e a mercenária adulação.⁷²

Após o enfrentamento, Francisco, sob efeito do ferimento:

estava deitado sobre um divã que guarnecia a sala, fronteiro a dois aparadores peçados de riquíssimas peças de porcelana e lavradas mangas de vidro [...]. Vendo-o nesta sala onde brilhavam os mais finos e esquisitos vernizes da China e do Japão, onde o trabalho de milhares de artistas se resumia para encantar e arrebatar os olhos do amador das Belas Artes, onde um magnífico lustre de gás, de gosto e espécie singular, prometia espalhar nas horas da noite todo o brilhantismo e intensidade solar, toma-lo-eis, sem dúvida, por um príncipe oriental na fruição dos gozos sem par.⁷³

⁶⁷ Id. Ibid. p. 66.

⁶⁸ Id. Ibid. p. 68.

⁶⁹ Id. Ibid. p. 71.

⁷⁰ Id. Ibid. p. 71.

⁷¹ Id. Ibid. p. 59.

⁷² Id. Ibid. p. 70.

⁷³ Id. Ibid. p. 73-74.

Esses dados ajudam a entender que a disputa entre Almênio e Francisco por Edélia deve ser vista como uma ambientação da Província: de um lado, Almênio, a representação por excelência das virtudes rio-grandenses, engrandecidas na comparação com a Corte; de outro, Francisco, cujos hábitos estão distanciados do legado continentino, a ponto de poder ser visto como um "príncipe oriental". O espaço privado de Francisco é completado pela presença de Joana, viúva que na mais "cruel miséria"⁷⁴ entregara a filhinha de 14 anos, Amélia, aos cuidados de Francisco. Ela descobre a essa altura que ele, em lugar de agir como benfeitor, transformara Amélia numa "mulher perdida".⁷⁵ A casa de Francisco representa os crimes de seu proprietário: "tudo ali é infâmia",⁷⁶ acusa a mãe desesperada.

CASTIGO

O conflito central de *A Divina Pastora* está formulado até o terceiro capítulo. O quarto – "Os episódios" – aprofunda a visão da natureza do enfrentamento Almênio vs Francisco, através de relatos que o narrador sugere serem partes de "um novo Eda das regiões austrais".⁷⁷ Uma nota de pé de página do Autor lembra ser o Eda a "crônica mitológica dos Escandinavos"⁷⁸ onde estão "os rudimentos da grande epopéia nacional dos alemães, intitulada o *Canto dos Nibelungos*".⁷⁹ Essas informações reforçam a visão que é passada por *A Divina Pastora* a respeito da consciência romântica de Caldre e Fião, que o levava a resgatar a história singular de seu povo. No texto, esse objetivo preside os "serões"⁸⁰ na residência de Edélia, no distrito de Belém, durante o inverno. O início do capítulo é expressivo:

Era uma noite de julho, fria e gelada, cuja atmosfera escura e nebulosa simulava o misterioso dos píncaros escaivados da região boreal.⁸¹

Dois histórias, a de João, o Caboclo, e a de Kajururá e Belcai, configuram o encontro paradoxal do indianismo e do regionalismo romântico, enquanto se filia apenas ao veio regionalista o relato sobre o menino rio-grandense que, açoitado a mando de um estancieiro alemão, matou este ao

⁷⁴ Id. Ibid. p. 75.

⁷⁵ Id. Ibid. p. 77.

⁷⁶ Id. Ibid. p. 76.

⁷⁷ Id. Ibid. p. 87-88.

⁷⁸ Id. Ibid. p. 87.

⁷⁹ Id. Ibid. p. 88.

⁸⁰ Id. Ibid. p. 104.

⁸¹ Id. Ibid. p. 87.

se tornar homem, numa vingança consciente contra a injustiça de que fora vítima. Esses subenredos ampliam o espaço da narrativa para outras regiões do Estado, mas, principalmente, contribuem para afirmar a coragem e a altivez do rio-grandense. Almênio sai, portanto, exaltado. A história de João, o Caboclo, desencadeará a real identidade de Colomim: filho de João, dedicou-se a uma vida de roubos e, em meio a seus crimes, não reconheceu o próprio pai e o matara. Sob o remorso do parricídio, ele se engajara entre os farrapos, onde veio a conhecer Almênio. Ao evoluir a ação de *A Divina Pastora*, se verá a fusão entre a vida dos dois criminosos: Colomim é pai de Francisco.

Entretanto, relacionar o vilão ao crime pelo sangue pode deixar ainda alguma dúvida no leitor: afinal, Francisco nascera na Província. Então, a mesma personagem, o jovem Ávila, que irá trazer a informação sobre a relação entre Colomim e Francisco, revelará o processo de descaracterização regional do rival de Almênio. Ao morrer seu benfeitor, herdará suas riquezas e realizará mudanças de ambientação marcantes:

O luxo, a dissipação e todos os vícios inseparáveis destes dois se viram triunfantes debaixo daqueles tetos onde a mais regular economia, a maior ordem e toda a parcimônia de um velho honrado haviam reinado; os escravos velhos, antigos e devotados servidores, foram cruelmente tratados e depois vendidos para serem substituídos por moleques novos que melhor serviam a uma ostentação vã; os trastes modestos de uma casa de campo foram lançados fora e em seu lugar apareceram as custosas mobílias, dourados vasos, flores e todas essas esquisitas quinquilharias que o gênio francês pode inventar para seduzir as pessoas desmioladas; os belos e lindos trajes de *monarca das coxilhas* foram mudados pela casaca mais incômodas roupas de um palaciano que se ufana nos saraus da cidade; suas ocupações diárias no campo não mais o entretiveram: trocou o luço pelas brancas luvas de camurça, as *rédeas* pela bengala e luneta, os *estribos* pelos envernizados sapatinhos franceses, o *poncho* pela casaca e o *chapéu desabado* pelo lustroso chapéu da fábrica de Mr. de tal.⁸²

Sabedor do caráter criminoso de Francisco, Almênio se coloca como protetor de Edélia, embora esta rejeite a verdade sobre seu amado. No "Curato de Belém",⁸³ atual Belém Velho, no dia da festa de Nossa Senhora de Belém, Edélia aproveitará a ocasião para tomar uma atitude ousada: num claro desrespeito às normas sociais sobre a virtude feminina, ela visitará Francisco, que ainda se recuperava dos ferimentos, junto apenas com a escrava Susana e com uma criança, seu irmão Aníbal. Depois, o acompanhará à missa e, crente na virtude do amado, sairá com ele na sua "carretinha de luxo pintada com muito bom gosto",⁸⁴ puxada por bois. Já se apro-

⁸² Id. *Ibid.* p. 134.

⁸³ Id. *Ibid.* p. 127.

ximava "a noite com seu manto de garça preto".⁸⁵ A honra de Edélia, porém, será salva por Almênio, com a ajuda de amigos. Para isso, vai enfrentar a inclusive reação de Francisco que, já então "capitão de cavalaria das Guardas Nacionais",⁸⁶ foi a de tentar recuperar Edélia com apoio de homens armados.

Dos acontecimentos, a heroína sai em crise por ter sido obrigada a reconhecer o caráter criminoso de Francisco. Em meio ao sofrimento cresce nela a admiração e o amor por Almênio. Porém, Almênio, no período em que a prima o rejeitara por amar Francisco, se aproximara mais de Clarinda e se comprometera a casar com ela. Antes de Edélia receber essa revelação desoladora:

Paulo, vendo sua filha sempre triste, resolveu mudar-se para uma casa sua na cidade de Porto Alegre, no *Largo do Paraíso*, para essa praça outrora tão bonita mas que hoje apresenta um curto espaço entulhado de carretas de Santo Antônio, porque nela foi construída uma *praça de mercado*. A casa de Paulo tinha um sótão na frente. Edélia logo que aí chegou recolheu-se a ele e vivia a contemplar essas bonitas ilhas que bordam a margem oposta do sereno lago do Guaíba; a superfície prateada do mesmo lago retratando as vergas de vinte a trinta pequenos navios que nele bóiam como os marrecos num tanque a refrescar-se e as laranjeiras, os limoeiros, as romieiras, os coqueiros e mil outras árvores que enfeitam suas ribanceiras plácidas, encrespando-se às vezes pela bafagem dos ventos ocidentais na hora do fim do dia; essas casas elegantes, construídas sobre as águas da praia, que iam formando já a - *rua nova da praia* - assoberbada pelo lucro do comércio da cidade.⁸⁷

A ambientação é mais dinâmica e inquietante que a apresentada no capítulo inicial. A visão da natureza não consegue absorver a cidade: ela aparece bem definida, apesar do olhar retrospectivo, saudosista, contido na observação sobre a construção do primeiro Mercado Público, acontecida em 1844. A imagem de Edélia cresceu com a cidade. O núcleo urbano de Porto Alegre é descortinado desde o olhar da heroína. De seu ponto de observação, através de um óculo de alcance, verá o desembarque de Almênio, junto com outros militares, na "praia da *Praça do Paraíso*".⁸⁸ Na visita, os colegas, que troçam com o rapaz sobre seu amor e futuro casamento com Clarinda, inadvertidamente revelam a Edélia o compromisso daquele a quem ela já amava. Uma carta do jovem Ávila, ironicamente, lhe confirma a notícia do futuro enlace do grande amigo Almênio com a prussiana, ao mesmo tempo que a pede em casamento.

⁸⁴ Id. *Ibid.* p. 129.

⁸⁵ Id. *Ibid.* p. 138.

⁸⁶ Id. *Ibid.* p. 130.

⁸⁷ Id. *Ibid.* p. 173.

⁸⁸ Id. *Ibid.* p. 174.

Mas Edélia, que já se recusara a casar com o poeta Fontoura, também diz não ao jovem Ávila. Ela se prepara para o castigo na cidade transformada em cenário de expiação de erros e punição de crimes, sob a "rigorosa estação do inverno".⁸⁹ Colomim, responsável por mais um hediondo crime, é capturado e conduzido a Porto Alegre – o povo se aglomera para vê-lo "desembarcar na Praça da Alfândega"⁹⁰ – onde ficará preso, até ser julgado por um tribunal militar por sua condição de soldado. Sua sentença de morte tem "confirmação de S. M. o Imperador".⁹¹ Vogal do conselho de julgamento de Colomim, a Francisco cabe trâmites destinados a legalizar a execução do criminoso, que o levam, através da "Rua da Igreja",⁹² atual Duque de Caxias, ao Quartel do Comando da Guarnição, localizado no "Palácio da Presidência".⁹³ No dia seguinte, na manhã "fria e terrivelmente assustadora",⁹⁴ Colomim seria conduzido à morte, na "extremidade inferior da vargem",⁹⁵ atual Redenção, pelo Capitão Francisco. Este só receberá a informação sobre sua condição de filho de Colomim, quando o pai já fora morto.

Francisco, com remorsos, decide castigar-se casando com a prostituta Amélia, conhecida como "Amélia do Riacho".⁹⁶ Foi buscá-la nessa área pobre da cidade, que recebia a designação do riacho que costeava a Rua da Margem, atual João Alfredo. O casamento, feito na "elegante matriz da cidade",⁹⁷ foi seguido apenas de infelicidade: ambos morreram muito doentes, e também pobres porque Francisco teve suas últimas posses roubadas por "um procurador de causas da cidade de Porto Alegre"⁹⁸ e por um "usuário".⁹⁹

A escrava Susana, personagem que propicia ao narrador mostrar uma branda posição abolicionista, vem a morrer. Edélia encontra entre os pertences daquela que fora a escrava fiel, as provas de que ela participara da estratégia de Francisco para tentar desonrá-la. O narrador aproveita para apontar o mal da escravidão, que levava Susana a essa manobra contra os que "a amavam".¹⁰⁰ Vê-se nessa situação criada por Caldre e Fião uma conexão com o "imaginário do medo"¹⁰¹ que seria a marca de Joaquim

Manuel de Macedo, em *As vítimas-algozes* de 1869, conforme Flora Sussekind. Por essa via, se mostrava aos proprietários de escravos os perigos inerentes à escravidão que trazia, para dentro do lar, aqueles que poderiam cometer crimes contra seus senhores. Retrospectivamente, a informação sobre Susana cinde a ambientação equilibrada do capítulo inicial de *A Divina Pastora*.

Pronta para o castigo – não se permitir mais a felicidade amorosa – Edélia decide retirar-se à chácara da família no Passo da Cascata. Uma leitura retrospectiva permite ao leitor desvelar a ironia: no Passo da Cascata Almênio vira a Divina Pastora por primeira vez. Antes de partir, cumpre a obrigação social, e dolorosa, de assistir ao casamento de Almênio e Clarinda. Durante três dias, na casa de Bernardo na "povoação de Belém",¹⁰² os noivos, parentes e amigos saborearam um "baile da roça, para melhor dizer, o honesto *fandango*".¹⁰³ Numa festa anterior, o casamento de sua amiga Joaquininha, ao tirar a sorte na brincadeira de "*amêndoas de estalo*",¹⁰⁴ Edélia confirmara sua sina: "Na solidão lá dos campos/Tua vida acabará",¹⁰⁵

Cartas de Edélia endereçadas a seu pai. "Paulo de Souza Miranda, na cidade de Porto Alegre, Rua de Bragança, no...",¹⁰⁶ atual Marechal Floriano, finalizam a narrativa. A primeira descreve o roteiro da heroína a caminho de sua solidão. A heroína romântica dá as costas à "cidade". Edélia relata passo a passo sua saída do centro urbano – que o leitor vira pouco antes como pólo de comércio, e também como pólo de Justiça e poder provincial conectado ao Império – em direção ao campo:

Depois que me despedi de vós, acompanhada de meus bons irmãos, atravessei a Rua da Igreja, cheguei ao *portão* e, mesmo sem o sentir e com as rédeas abandonadas sobre o pescoço do cavalo, segui a direção que tomavam os meus guias, absorta em um único pensamento... o amor... Não vi a *vargem*, porque a monotonia de seu vasto plano me convidava a refletir; não via a graciosa *Azenha* e seus arredores, porque nem a arte dos homens nem as obras da natureza eram capazes, nesse instante, de roubar-me a mim mesma; e não vi o *Caminho de Belém*, bordado de suas bonitas *chácaras* e desses morros altos, ora escavados, ora cobertos de umas ervas meio amareladas porque a alegria e a tristeza dos objetos que me rodeavam não me tocava; [...].¹⁰⁷

⁸⁹ Id. *Ibid.* p. 180.

⁹⁰ Id. *Ibid.* p. 185.

⁹¹ Id. *Ibid.* p. 192.

⁹² Id. *Ibid.* p. 193.

⁹³ Id. *Ibid.* p. 193.

⁹⁴ Id. *Ibid.* p. 193.

⁹⁵ Id. *Ibid.* p. 196.

⁹⁶ Id. *Ibid.* p. 200.

⁹⁷ Id. *Ibid.* p. 224.

⁹⁸ Id. *Ibid.* p. 224.

⁹⁹ Id. *Ibid.* p. 224.

¹⁰⁰ Id. *Ibid.* p. 204.

¹⁰¹ SUSSEKIND, Flora. *As vítimas-algozes e o imaginário do medo* In: ———. Op. cit. p. 125.

¹⁰² CALDRE E FIÃO, José Antonio do Vale. Op. cit. p. 206.

¹⁰³ Id. *Ibid.* p. 205.

¹⁰⁴ Id. *Ibid.* p. 199.

¹⁰⁵ Id. *Ibid.* p. 199.

¹⁰⁶ Id. *Ibid.* p. 219.

¹⁰⁷ Id. *Ibid.* p. 220.

Edélia, pelas atuais rua Duque de Caxias, Praça Conde de Porto Alegre, Redenção, Azenha – que continua com o antigo nome – e a avenida Oscar Pereira, faz sua retirada melancólica. Não tem um destino trágico, como a morte ou o claustro, como muitas heroínas românticas, mas é sacrificada pela entrega de seu futuro à virtude. No cuidado dos desvalidos, como Joana e seu netinho Levindo, filho de Francisco e Amélia, Edélia mostra competência para gerir a chácara e transformá-la numa "aldeiazinha de pobres", com gado e plantações. No entanto, seu destino de mulher está truncado. Almênio e Clarinda, que doam à Aldeia gado, instrumentos de lavoura, roupas e outros presentes, contribuem com sua caridade de família abastada para reforçá-la na decisão de manter-se retirada e expiar suas culpas. Numa das cartas, se desmerece ao comparar-se com Clarinda:

E eu! Fui algum dia tão virtuosa como ela? Eu que amei Francisco quando as qualidades de Almênio se me tornaram patentes e que conhecia o seu coração!...¹⁰⁸

Ao falar sobre o romance *Clarissa*, do pré-romântico inglês Richardson, Raymond Williams relaciona a "especialização da virgindade, o isolamento, e até mesmo a destruição paradoxais do indivíduo",¹⁰⁹ as estratégias de sobrevivência perante uma ordem social, o capitalismo agrário então impondo mudanças à Inglaterra oitocentista, contra a qual ainda não havia "nenhuma reação social adequada".¹¹⁰ Nos meados do século XIX, sinais na economia subordinada à Inglaterra e nas sublevações regionais, indicam que essa alteração ocorrerá também no Brasil, como o sacrifício de Edélia dolorosamente o pressagia. O exercício da virtude não protege a Divina Pastora contra a infelicidade: nas palavras do narrador, a:

desenganada é como o réprobo, cuja fonte não se alça nunca, cuja sociedade são seus sofrimentos e os seus pesares.¹¹¹

¹⁰⁸ Id. Ibid. p. 232.

¹⁰⁹ WILLIAMS, Raymond. Op. cit. p. 94.

¹¹⁰ Id. Ibid. p. 94.

¹¹¹ CALDRE E FIÃO, José Antonio do Vale. Op. cit. p. 219.